

## **Bordar exercícios de atenção na educação: tecer imagens no intervalo da desaceleração das ciências e da simbiogênese**

Karina Rousseng Dal Pont  
Universidade Federal do Paraná  
[karinapont@ufpr.br](mailto:karinapont@ufpr.br)

### **Resumo**

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Bordar exercícios de atenção na educação”, desenvolvido junto à Universidade Federal do Paraná. Amplifica, por meio da feitura de bordados, o combate aos modos e tempos hegemônicos de exercer a docência, ao mesmo tempo em que problematiza outras grafias imagéticas para a produção de mundos. A partir de aproximações com referenciais da filosofia da diferença, da filosofia da educação e dos estudos multiespécies, busca-se tecer uma prática de pesquisa que siga os fios e emaranhados dessas temáticas e que possa ser expressada em linhas e tecidos. Desse modo, opera-se com a perspectiva de Isabelle Stengers para a desaceleração das ciências, como modo de (re)construir e repensar a prática docente; e, da mesma forma, segue-se com Donna Haraway, ao situar saberes e “ficar com o problema” como uma prática de lidar no/com o Antropoceno. Para tanto, a metodologia cartográfica seguirá a proposta de acompanhar as processualidades da pesquisa e da feitura dos bordados. Ao dispor da compreensão das diversas facetas de um mesmo problema, cria-se um gesto menor de pesquisa, para além das forças preponderantes que insistem em solucionar problemas ambientais criados pela própria modernidade. Espera-se que as imagens dos bordados, resultantes dessa pesquisa, contribuam para o alargamento dos estudos multiespécies, ao implicar a responsabilidade em gerar outras ações imaginativas.

**Palavras-chave:** exercícios de atenção; bordados; estudos multiespécies.

### **O contexto da produção do bordado, e os exercícios de atenção**

Venho experimentando escrever e criar imagens com o bordado desde a tese de doutoramento em educação (2018). Naquele momento, o bordado constituiu parte do meu percurso formativo no encontro com as leituras, os textos, os/as artistas contemporâneos e foi tornando-se extensão daquilo que somente as palavras não davam conta de expressar. Numa entrevista a filósofa Anne Sauvagnares, conta como a pintura e o desenho são modos de compor suas expressividades filosóficas ao definir uma “ecologia das imagens”.

E nessa ecologia das imagens eu tomo a imagem não apenas como representação, imagens fabricadas, mas eu compreendo imagem por toda parte onde existe enquadramento subjetivo. Eu compreendo as imagens como interstícios entre as próprias imagens, que enquadram outras imagens. (Raniere; Halk, 2019, p.44)

A filósofa, trabalha e pesquisa onde conceitos da filosofia da diferença dialogam intensivamente com sua poética em pintura, e oferecem novas abordagens ao conceito de imagem, segundo Édio Raniere (2019). Além disso, Sauvagnares escolhe Deleuze, pois, de acordo com a filósofa “é o único realmente, mesmo entre os filósofos mais contemporâneos, que é capaz de colocar no mesmo plano, exatamente no mesmo nível, o pensamento conceitual da filosofia e a produção plástica da pintura e do discurso literário”. (Raniere; Halk, 2019, p.46).

Assim, como fui compreendendo com a pesquisa de doutoramento, ser possível colocar “no mesmo plano”, a cartografia escolar e as experimentações com o bordado, nessa busca em compreender as imagens como interstícios entre as próprias imagens. Já que a experimentação

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

com as linhas, telas e bastidores atravessam tecidos constituindo cartografias outras, e também efetivam a construção de exercícios de atenção com a arte e a educação.

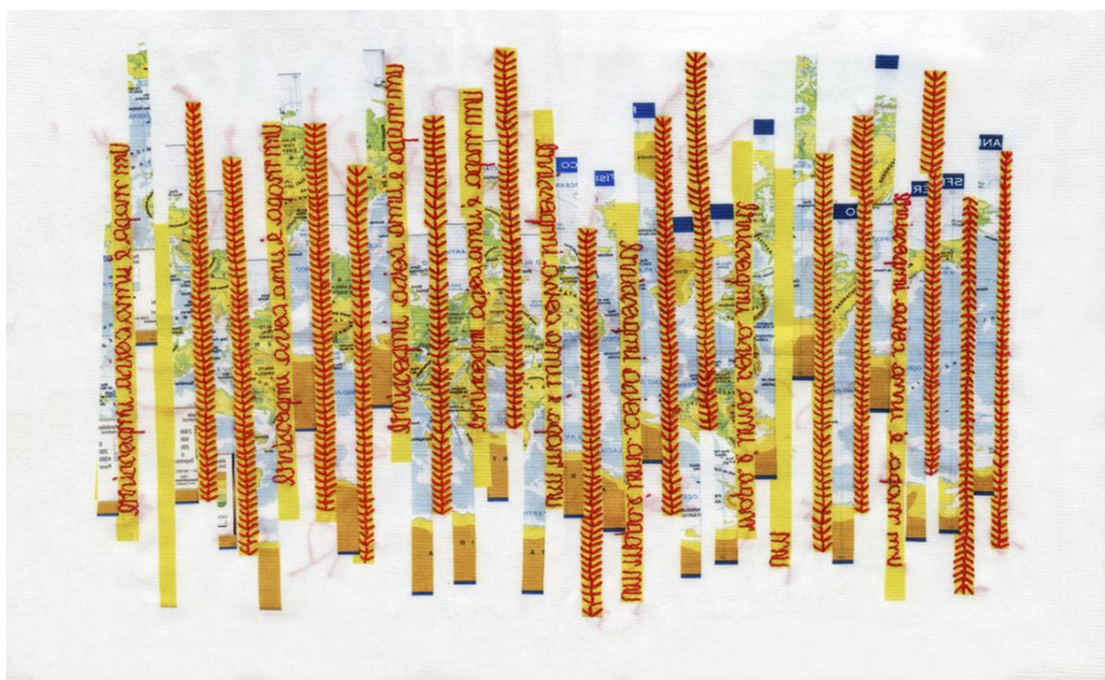


Imagem 01. [O mapa é uma coisa impossível, Dal Pont, 2018].

Quando inicio meu trabalho como professora de Didática na Universidade Federal do Paraná, em 2019, proponho um projeto de pesquisa que se dobra sobre algumas experimentações com imagens, chamados “exercícios de atenção”<sup>1</sup>. A noção de “exercício” é tomada emprestada de Jorge Larrosa e Karen Rechia (2018) apresentada no livro “P de professor”. Trata-se de um combate ao efeito arrasador das tecnologias da distração. Contra tudo que impede a experiência e a presença. Esses exercícios tem a ver com a seleção e oferta de materialidades ao estudo que tensionam um modo de colocar os sujeitos mais atentos ao mundo. Tem a ver com a generosidade, ao oferecermos um tempo, um espaço, e materialidades para o estudo. Incitando-se o olhar, deixando-o atento fazendo o corpo e o pensamento deslizar pelas práticas e imagens consolidadas na educação.

Nessas propostas, as imagens de arte contemporânea também se fazem presente, na busca em criar tempos e espaços nas aulas, que se ocupem menos com a instrumentalização sobre algo, ou algum tema, e que permitam mais o cultivo da atenção, da percepção e da presença. Desse encontro entre arte contemporânea e educação inventa-se práticas e gramáticas insurgentes nas aulas, atravessado pelos processos de subjetivação docente. Chacoalha-se

<sup>1</sup> Trata-se do projeto de pesquisa “Exercícios de atenção e insurgências na formação docente” (2020-2024), de sua continuidade, com o projeto em vigor “Bordar exercícios de atenção na educação”, vinculados ao Departamento de Teoria e Prática de Ensino da UFPR.

linhas que demarcam áreas de conhecimento, que fixam as ações docentes em situações escolarizantes. Os artefatos que foram escolhidos, e as produções derivadas desses encontros compõe as materialidades e imaterialidades dos tempos de preparação para as aulas. Incitam um deslizamento das práticas consolidadas, buscando-se compor poéticas educativas. Nesse sentido, os (re)arranjos propostos apontam para as potências dos encontros entre educação e arte como exercícios de atenção ao mundo, sobre os modos de ser, e aprender na docência. Nesse sentido é que nesses exercícios de atenção as imagens apresentadas em sala de aula, dizem de um modo de narrar em uma aula o que fica em nós. Rosane Preciosa nos lembra no texto, “Reparar nas coisas: de repente algo acontece e somos outro” (2019) que:

a paciência e a atenção vão inteiramente na contramão das práticas educacionais disseminadas hoje em dia. Ambas *atritam com a lógica neoliberal dos resultados instantâneos*, baseada no acúmulo de dados colhidos, prontos para usar. Operam à escuta do que lhes interpela enquanto viventes, e que lhes solicita uma tomada de posição, uma ética. (Preciosa, 2019, p.22. Grifo nosso).

Então, o que nos restaria provocar em nossas aulas e pesquisas para “atritar essa lógica neoliberal dos resultados instantâneos”? Não há o desejo em responder essa questão, mas apresentar com os bordados um ensaio sobre outro tempo mais lento para a pesquisa, e para a composição de outras práticas educativas. Talvez, possamos, ao “cultivar as boas perguntas” (Haraway, 2023) aproximando essa questão dos estudos e teorias multiespécies, buscar atritar a lógica neoliberal das respostas instantâneas para os “problemas ambientais” ao produzir outras estórias com as linhas e tecidos do bordado: “importa quais estórias produzem mundo, e quais mundos produzem estórias (Haraway, 2023, p.27).

### **Do encontro do bordado com as anotações e a produção de estórias: simbiogêneses**

Tenho em meus processos de pesquisa retomado a leitura de Carol Saavedra em “O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim” (2021), especificamente nas partes que apresenta algumas questões do livro “Ficar com o problema”, de Donna Haraway. O que me chama atenção, também por ter estudado o mesmo livro com outras pessoas<sup>2</sup>, é a parte sobre as simbiogêneses, que Haraway captura da biologia para afirmar que, “jamais fomos indivíduos”, e que Saavedra ressignifica ao dizer, “que tanto a biologia, como a neurociência e a arte, vem chegando à conclusão de que é a cooperação, e não o self-made-man, a base de qualquer sociedade possível.” (Saavedra, 2021, p.36). À vista disso, considero o momento e as partilhas dos estudos de Haraway, tanto como uma maneira de conhecer e desafiar as narrativas vigentes sobre o Antropoceno e seus impactos, como um espaço para cultivar afetos alegres e possibilidades coletivas de refletir sobre todos esses desafios que nos tocam de forma pungente ao nos provocar com a pergunta: *por quem se é responsável?* Ao aceitar que “aquilo que

---

<sup>2</sup> No primeiro semestre de 2024, juntamente as outras pesquisadoras que fazem parte do Polo Sul, da Rede Internacional de Pesquisa “Geografias, Imagens e Educação”, estudamos quinzenalmente o livro “Ficar com o problema”, de Donna Haraway (2023). Desses estudos, a temática deste Colóquio foi consolidada com um objeto de interesse comum, e potencializador de debates nesse encontro com as geografias, as imagens e a educação.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

adicionamos faz diferença no mundo; e tornando-se capaz de responder pela especificidade dessa diferença” (Stengers, 2023, p.174).



Imagem 2. [Responsabilidades, Dal Pont, 2025]

As partilhas de leituras que dispõe uma simbiogênese junto a pesquisa, também são parte da proposta de construção de outros territórios na/com a educação. Um território, que em Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997, p.122), “não é um meio, nem mesmo um meio a mais, nem um ritmo ou passagem entre meios. O território é de fato um ato, que afeta meios e ritmos, que os territorializa. O território é o produto de uma territorialização dos meios e do ritmo”.

Considero o gesto de bordar como um exercício de atenção aos arranjos de territorialização pelos meios e ritmos ao abrir-se pela agulha, linhas e tecidos a possibilidade de narrar outras histórias. Trata-se também de um tempo de preparação para fazer algo se passar pelas fronteiras entre os objetos acionados, e as proposições da disposição dos desenhos e letras. Cria-se pelo atravessamento das linhas nos tecidos a possibilidade de se ver um mundo também pelo seu avesso.

Nessa cooperação, a atenção ao texto, a escuta, e as conversas foram fixadas no caderno de anotações como parte de uma montagem para os estudos. As anotações são apontadas não como um instrumento de pesquisa, mas uma forma de ajudar a escrever e a pensar, como afirma Karen Rechia (2019, p.50). Rechia segue ao dizer que escrever à mão, diz “de um jeito de fazer, de se relacionar com as coisas”, assim como ao bordar palavras, desenhos, imagens, retomam a ideia de uma “ecologia das imagens”, apontada inicialmente por Sauvagnares, como interstícios entre as próprias imagens, que enquadram outras imagens. Palavras entre as próprias palavras do texto, que enquadram outras palavras.



trabalho. Esse tempo, que não é o tempo marcado de uma aula. De um filme. De uma música. Não é o tempo da produção de uma mercadora. É dar ritmo, cadência e velocidade. A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos, segundo Deleuze e Guattari (1997).

Essas sutilezas das artesanias feitas à mão, compõe as qualidades expressivas ou matérias de expressão da imagem-bordado. Essas matérias de expressão, talvez antecedam a composição do trabalho. Pois é incitada toda uma gestualidade, tanto para esse escrever-fazer à mão, que passa pela escolha da disposição do desenho, dos tipos de texturas dos tecidos, das cores e espessura das linhas, de qual lugar da casa será melhor se acomodar para iniciar o bordado...Gestualidades que passam pelas mãos. Pela sutileza em pegar as linhas e fazê-las passar pelo tecido de modo firme. Dos volumes e texturas que esse atravessar de linhas conferem ao tecido. Esse é um tempo que não cabe no lattes, nos programas de trabalho da universidade, ou nos tempos das aulas. São linhas de errância à docência homogeneizadora. São gestos de atenção ao mundo, um começo. Porém, uma vez que todo começo já é um retorno, o bordado nunca retorna ao mesmo.

Ao rever o curta de 2014, “Hands of Bresson”<sup>3</sup>, em homenagem ao cineasta minimalista francês (que começou querendo ser pintor), as mãos ditam os ritmos das ações das personagens em diversos filmes. Mãos que se tocam, se afastam, fazem carinho em animais, roubam carteiras, ligam e dirigem carros. Adoçam um chá, ou derrubam uma xícara de café. Assim como numa aula, as mãos ditam entonações, chamadas de atenção, registros nos quadros e nos cadernos. As mãos de uma professora que compõe um fazer com os bordados. As mãos, as linhas, a invenção de uma outra ciência frente as imobilidades das “ciências rápidas”(Stengers, 2023) as feitura de palavras com linhas sobre o caderno de anotações, as palavras bordadas frente ao texto acadêmico. Gestos de interrupção a tempos que teimam em acelerar a vida (e as ciências).



Imagem 5. [Hands of Bresson, 2014].

<sup>3</sup> Hands of Bresson, Direção: Kogonada, EUA, 2014. 4 min. Para assistir ao filme acesse: <https://kogonada.com/portfolio/hands-of-bresson..> Acessado em 22 de agosto de 2025.

Seguir com a proposição de exercícios de atenção no universo da pesquisa que coloca em jogo a preparação docente, e as temáticas multiespécies, que nos provocam sempre a retornar a pergunta de Haraway: “por quem se é responsável?” Pensar, fazer políticas e ecologias mais vivíveis nesse tempo (Haraway, 2023). Explorar outro tempo para produção de pensamentos, e para a docência. Um “entre-dois”. Um revide dos meios ao caos é o ritmo (Deleuze & Guattari, 1997). Bordar é escrever um ritmo.

## Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol.4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1, 2023.
- PRECIOSA, Rosane. Reparar nas coisas: de repente algo acontece e somos outro. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 10, p. e019018, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8008> . Acesso em: 20 de agosto de 2025.
- RANIERE, Edio, & HACK, Lilian. (2020). Somos nada mais que imagens: Entrevista com Anne Sauvagnargues. **Revista Polis E Psique**, 10(1), p.6–29. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.97503>. Acesso em: 13 de agosto de 2025.
- RECHIA, Karen; LARROSA, Jorge. **P de professor**. São Carlos: Pedro e João, 2018.
- SAAEVEDRA, CAROL. **O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências**. Tradução: Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.